

Capítulo IX

ROLANDÃO MAIS À VONTADE

Em sua sexta mensagem, que colocamos a seguir, mais familiarizado com a Vida Espiritual, Rolando sente-se à vontade, dialogando com os familiares e amigos e falando de suas novas vivências.

O próprio leitor já deve estar habituado com o seu jeito de expressar-se: franco, objetivo, não escondendo a saudade e o desejo de trabalhar intensamente no GEEM e no Nosso Lar, como fez aqui na Terra. Encarava a vida tal qual é, com naturalidade e realismo.

O modo de ser do Rolandão destaca-se no texto recebido pelo Chico, quando menciona que, após a morte, a primeira pessoa que reencontrou foi ele mesmo, o filho de Dona Irma...

REVENDO O TRABALHO

(VI Mensagem)

Querida Alda, o meu Senhor nos abençoe. Lembro-me de que o amigo Willo costumava contar-me que os amigos espirituais, nas reuniões a que se dedica, sempre foram e sempre são campeões de gentileza, cumprimentando os amigos um por um.

O modelo deve ser válido porque hoje me inclino para semelhante relacionamento, abraçando a você, ao nosso Caio, ao nosso Paulo, ao nosso Mário e estendendo as mãos agradecidas ao nosso Montoro, ao nosso Cineas, a quem visito especialmente, ao nosso Pedro, aos nossos Fred e Vânia, ao nosso Gessé e aos amigos outros que nos compartilham das alegrias da noite.

Sei que vocês todos estão na melhor forma, excluindo algumas bagatelas que são migalhas de luta para quem, quanto nós, se habituou com a avalanche de contratempos. Estimaria expressar-lhes a todos o reconhecimento de que me sinto possuído. Rever o nosso Montoro nesta

madrugada, com o mesmo interesse por nossos assuntos e construções espirituais, me fornece motivos para muita confiança no hoje e no amanhã da nossa equipe de serviço.

Tenho estado no GEEM quanto posso, especialmente na condição de assessor miúdo e quase inútil de nosso Caio.

Olhem vocês que esta expressão: “assessor miúdo e quase imprestável” já demonstra que caminhei nesse território quase desconhecido de meu próprio mundo íntimo.

Os chefes do lado avesso do trabalho, qual me reconheço agora, se fazem laçaios, para compreenderem com mais segurança as portarias e recomendações que determinavam.

Ontem, de certo modo comandava. Agora, preciso aprender obediência. Nesse sistema de revisão, venho esbarrando com muitas dificuldades criadas por mim mesmo.

Caro Montoro, veja lá, o que me salva é a paixão construtiva pelo trabalho. Quietação e expectativa não eram comigo. Nunca fui pessoa do palanque. Participava. E, com isso, as circunstâncias me entreteceram numa auréola de orientador, que a desencarnação violenta não me deu tempo para arrancar da cabeça.

Os dias novos chegaram, e reconheci que muitas diretrizes do Rolandão requisitavam mudança.

O Caio suportou, em minha companhia, os trancos a que me vi exposto, e tenho a felicidade de reconhecer que todos os nossos se entrelaçaram no serviço, imprimindo ao GEEM a feição de lar-escola e oficina que sempre desejei, sem a possibilidade das evidências, enquanto me encontrava na engrenagem dos ossos.

Muitos amigos esperaram que me pusesse de joelhos nas comunicações possíveis, enunciando o regresso ao que nunca pode ser, mas se enganaram com essa perspectiva.

Ressurgi mais apegado ao trabalho do que antes, e, no trabalho com o selo da sinceridade, é da Lei de Deus que ninguém deseste a ninguém.

Em meio da atividade, venho prosseguindo em meu aprendizado de servidor com o mesmo entusiasmo com que me esparramava na poltrona para observar os itens de nossos projetos.

Agora, tanto sigo a trajetória do Caio no escritório, anotando o curso e as possibilidades

desse ou daquele livro, quanto sei doar pequena parcela de mingau a qualquer criança chorona.¹

O caminho é este mesmo, e, se deixei o corpo, escutando o nosso Montoro a falar-me de uma viagem a Portugal, ambos não sabíamos que eu estava iniciando uma jornada muito mais importante – a viagem para o interior de mim próprio, onde a primeira pessoa que reencontrei foi o filho de Dona Irma, quando à frente dos maiores empecos que um menino é capaz de facear e vencer.

A partir dessa autoanálise, estou renovado e peço a todos os companheiros continuarmos decididos na realização a que nos propomos.

Alda querida, não se impressione se me deslocar dos temas afetivos sempre nossos, para comentar com meus filhos e com os meus amigos a realidade de nossas lições e de nossos encargos.

Estamos à frente de um mundo quase desesperado.

1) Refere-se a suas visitas à creche.

As cúpulas do campo social da Terra, todas juntas e personificadas numa entidade única, me suscitam a ideia de um contador que dilapidou os bens que lhe foram entregues.

E agora, com a possível revisão de serviço a ser implantada pelo dono do estabelecimento, se esforça em atear fogo a todo arquivo que lhe caia sob os olhos, para que não apareça, ante o Senhor, nas amarguras do servo infiel.

Por isso, é preciso aceitar o trabalho de conscientização, exemplo, realização e divulgação que nos foi realmente determinado.

Estamos formando um refúgio no clima do sofrimento e do desespero, e tanto o livro iluminativo quanto o prato nutriente devem ser produzidos em nossa casa, para saciar a fome de espiritualidade e a carência de recursos que lavram por aí. Sou feliz, porque o nosso relógio não sofreu alterações.

Cumprimento a nossa Alda pela paciência de mãe com que zela e reúne os filhos que o Mais Alto nos confiou.

Trago ao Caio os meus votos de ampla continuidade na obra que nos pertence a todos e saúdo, em todos os companheiros e em todas as irmãs de nossa família espiritual, a vocação

de servir, que desenvolvem com ímpeto cada vez mais elevado.

O nosso Batuira, em minha companhia, ouvia a minha referência a relógio e me recomenda atenção para o dia que recomeça.

É preciso parar; entretanto estou parecendo a mim próprio numa bicicleta em disparada monte abaixo. Não posso frear os meus movimentos muito à pressa. Em virtude disso, desejo agradecer-lhes – agradecer-lhes quanto me oferecem à memória e ao sentimento.

Querido Mário, continue; Caio precisa de um ministro para as horas extras de trabalho. Sigamos em frente. Compreendo que todos os companheiros honram a Jesus e aos seus mensageiros com o melhor que possuem.

De minudências de minha nova moradia muito há que falar; no entanto, por agora, quero ficar na vestimenta do menino de Dona Irma e deixar a conversa do Rolando para depois. Observem que já não estou fazendo culto intenso ao “Evangelho segundo Rolando”.

O negócio não é para brincar.

Ouvi aqui, hoje, os oradores da noite e teço o meu aplauso a todos.

Devo explicar, porém, que, se estou

aprendendo a desculpar os outros, estou igualmente aprendendo a controlar-me sem perdão para mim mesmo.

Sei que a psicologia materialista é uma escola de liberação grosso modo. Cada um que faça o que lhe dê na telha, mas a estrada verdadeira não é essa. Não posso largar-me à vontade, a disciplina não é símbolo morto.

Agora, preciso também dizer que, aprendendo a desculpar os outros, tenho tido muita dificuldade para ver irmãos e companheiros nos malandros que todos nós conhecemos.

Ainda assim, o nosso Batuira me diz que é preciso descartar um moleque da vestidura com que se apresenta, para encontrar nele o irmão e filho de Deus, a quem devemos a melhor consideração. Para mim, isso, porém, é atuação dos mestres, e estou longe disso.

Em todo caso, vou articulando os ensinamentos novos, para cumpri-los logo que isso se me faça possível.

Querida Alda, estou a despedir-me.

Vele por nossa Cristina, por vezes ainda insegura, e atenda à Lúcia e à Tereza nas lutas que atravessam.

Caio saudará os irmãos por mim.

O Montoro com o Valente Cineas, representando o pessoal de nossa comunidade, abraçarão por mim a todos os companheiros.

Alda, com um beijo especial aos netos, para não nos desligarmos do nosso iluminado jardim de amor, receba, com o Caio, com o Paulo, com o Mário e todos – todos os nossos, a confiança total e o carinho imenso do companheiro e pai, amigo e irmão sempre reconhecido.

Rolando

(26 de março de 1982)

Capítulo X

ROLANDÃO E O ALMOÇO INESQUECÍVEL

Em São Bernardo do Campo, quando Chico Xavier recebeu o título de cidadão honorário, a 29 de abril de 1972, ocorreu bizarro episódio que evidencia o entusiasmo e a alegria que Rolando demonstrava com sua presença.

Passamos a manhã no GEEM, e, como de hábito, uma multidão de pessoas de todos os cantos do país ali estava para abraçar o Chico.

De modo especial, lembra-me a presença dos saudosos D. Neném Aluotto e Martins Peralva, de Belo Horizonte.

A concorrida visita terminava, e a hora do almoço chegava. Seria em minha casa.

Meu pai pedira à Thais que fizesse um almoço muito especial para o Chico, num total máximo de doze comensais.

Reiterou-lhe a importância de preparar pratos variados para que o Chico os escolhesse a seu gosto, sugerindo: lasanha, frango, carne,